

CAPITÃES DA AREIA: UM OLHAR SOCIAL DE JORGE AMADO

BARBOSA, JOANA ANGÉLICA CUNHA, arletexbd@hotmail.com
BEZERRA, JOANA DARC SILVA, fabiana.mendonça@hotmail.com
OLIVEIRA, ZENILEIDE DOS SANTOS, leide_so@yahoo.com.br

LIMA, Luiz Eduardo de A. (Professor Orientador)
Graduado em Letras Português - Inglês e Pós-Graduado em Educação e Literatura pela
Universidade de Brasília - UNB

Resumo:

O presente artigo trata do olhar social de Jorge Amado acerca da sua obra *Capitães da Areia*, que trata a questão dos meninos de rua na cidade de Salvador, não se distanciando dos problemas vividos pela sociedade atual, tornando-a não somente uma obra literária, mas um estudo da realidade social e cultural brasileira. Dessa forma, o objetivo aqui é analisar no romance *Capitães da Areia* a concretude temática que persiste até hoje, como o problema do menor abandonado na sociedade brasileira e suas injunções e marcas, levando em consideração a importância que essa obra teve na década de 30, sob uma perspectiva literária social. Assim, é de grande relevância social fazer uma análise do contexto desse romance, apresentando o homem em correlação com o seu contexto imediato, a paisagem, o patrimônio cultural e as condições socioeconômicas. A metodologia adotada para a consecução deste trabalho foi uma pesquisa bibliográfica a partir da análise técnica do conteúdo. Trata-se de uma representação do espaço cultural brasileiro que se traduz antes de mais nada num espaço ideológico.

CAPITÃES DA AREIA: UM OLHAR SOCIAL DE JORGE AMADO

I - INTRODUÇÃO

Jorge Amado, célebre escritor baiano, nascido em Itabuna, cursou Direito no Rio de Janeiro, época que publicava os livros que lhes conferiram projeção nacional, dentre eles Capitães da Areia. Obra publicada em 1937, apreendida pela polícia e queimada em praça pública, retornando às livrarias somente em 1944.

Diagnosticando o romance, trata da vida de menores abandonados na Bahia, onde os Capitães da Areia tomam consciência da situação geral do país, encaminhando-se a uma linguagem política. Embarcado numa linguagem crua e lírica, Jorge Amado descreve o dia-a-dia do grupo, denunciando as desigualdades sociais, a desonestidade das classes dominantes e a sensibilidade das crianças marginalizadas. “[...] ele é, substancialmente, um escritor popular pelos temas, pela linguagem, pelo tom, escreve acerca do povo numa escrita direta, franca, sem inibições sensoriais, nem mesmo em detalhes escabrosos” (MOISÉS, 1989, p. 210).

Por estas considerações, Capitães da Areia tem em sua linguagem dois momentos: os usos lingüísticos dos pobres marginalizados e a linguagem nos movimentos reivindicatórios. Trata-se de demonstrar que a linguagem reflete muito na consciência política do usuário, no seu papel como agente da história e na sua função social, a partir do perfil e da consciência de cada integrante desta narrativa.

Numa representação da realidade, tem-se a coexistência dialética de valores conservadores e revolucionários em uma mesma personagem. E a afirmação de valores sociais não seria assim tão simplista, como ocorreu na evolução de Capitães da Areia.

Trata-se de uma obra regionalista da década de 30 onde os problemas manifestados por Jorge Amado não se distanciam da pós-modernidade o que faz da sua obra um estilo de representação da realidade social e cultural brasileira, onde a língua, a paisagem, o patrimônio cultural e as condições socioeconômicas parecem ensimesmar-se dentro do seu livro trazendo para o mundo externo o ato de refletir sobre a existência de questões sociais alarmantes, que foram e continuam sendo os grandes entraves da marginalização e da exclusão social.

Trabalhar *Capitães da Areia* com o olhar social de Jorge Amado, diga-se bem a verdade, denuncia um estado de coisas injustas, e que é atenuado por uma onda de emoção que varre as aventuras vividas pelos meninos das areias baianas, se faz importante ponte entre a obra e o presente, pela sua grande importância social. Segundo Lucas (1997, p. 99), “os melhores romances de caráter social são justamente aqueles que primam pela negação do sistema que nega o homem, que o tritura na máquina de produção, mutila-o, reduz seus horizontes, converte-o em coisa, mercadoria”.

A inspiração para este trabalho tem como referência a realidade da marginalização vivenciada por todos no nordeste, quão retratada por Jorge Amado ainda na década de 30. Reveste-se também de significativa importância pelo seu caráter no contexto social, que ainda reflete, senão da mesma forma, mais abruptamente no presente.

Para entendimento deste romance, é de extrema importância o levantamento das seguintes questões: sob o olhar do autor, a situação desses meninos da capital baiana se estende ao restante do país? No romance *Capitães da Areia*, qual a relação entre esse grupo de crianças e instituições da cidade? Qual o perfil da consciência dos integrantes de *Capitães da Areia*, com a situação sócio-política da época em que foi escrito o romance?

Este artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica que iniciou seu curso a partir de uma leitura crítica analítica do romance Capitães da Areia. A principal vantagem de uma pesquisa bibliográfica “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1999, p. 65)

Dentro dessa perspectiva esta obra faz parte da primeira fase de Jorge Amado, revelando as dimensões do seu engajamento ideológico, constituindo assim uma das mais significativas produções do escritor, essas obras que denunciam as desigualdades sociais, contrapondo permanentemente a burguesia e o povo, a desonestidade da classe dominante e sensibilidade dos que vivem à margem da sociedade. E mesmo com seu claro engajamento social e político esse romance também é caracterizado pela adesão afetiva do narrador aos fatos que relata, revestindo de lirismo, mesmo em sua obra de cunho social.

II - DESENVOLVIMENTO

O traço atuante do movimento Modernista foi o advento do chamado romance nordestino, que correspondeu como nenhum outro, às aspirações de liberdade temática, atenção ao concreto e vigor estilístico. O projeto estético, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com a nova linguagem, apresentando assim, o seu projeto ideológico, ou seja, é pela linguagem que os homens externam sua visão de mundo. E isso pode ser visto no movimento Modernista por intermédio principalmente da ficção regionalista.

Portanto, seja tomado como movimento renovador seja como uma nova estética, seja como sinônimo da leitura dos últimos quarenta anos, o Modernismo revela, no seu ritmo histórico contemporâneo. De fato, nenhum outro movimento da literatura brasileira é tão vivo sob este aspecto; nenhum outro reflete com tamanha fidelidade e ao mesmo tempo com tanta liberdade criadora, os movimentos da alma nacional (CÂNDIDO, 1968, p. 09).

A data de 1930 assinala uma etapa importante e marca o início de outros rumos, principalmente na prosa. A renovação começa a aparecer mais como uma transformação do que como um movimento, destinado a predominar no estilo da literatura brasileira. A literatura na década de 30 não deixou de registrar um “novo estado” das coisas. A problematização de uma linguagem brasileira, iniciada no Modernismo de 22, amadureceu neste período histórico. Dentro do Modernismo lírico brasileiro, ocorreram diferenças, conforme o modo de pensar e trabalhar a realidade dos grupos de escritores.

Uma das práticas da literatura moderna foi à pesquisa da cultura popular. Ela expressa linguisticamente os registros das falas populares. O reconhecimento do novo sistema cultural pós a década de 30 resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo, ou seja, significa ver novas configurações históricas e exigirem novas experiências artísticas.

Renova-se, simultaneamente, o gosto da arte regional popular, fenômeno paralelo as certas idéias-força dos românticos e modernistas que no afã de redescobrirem o Brasil também se haviam dado à pesquisa e o tratamento estético do folclore, agora, porém, graças a novo contexto político reserva-se toda atenção ao potencial revolucionário da cultura popular (BOSI, 1994, p. 387).

De acordo com Bosi (1994), o romance brasileiro moderno da década de 30 para cá, pode ser dividido em quatro tendências, essa divisão é feita, segundo o grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu mundo. E os romances de Jorge Amado da década de 30 estão enquadrados em romances de tensão mínima, ou seja, há conflitos, porém os personagens não se destacam fortemente da estrutura e da paisagem que as condicionam.

Assim, os romances de tensão mínima, há um aberto apelo às coordenadas espaciais e históricas e, não raro um alto consumo de cor local e de fatos de crônicas: as ações são situadas e datadas, como na reportagem ou no documentário, gêneros que lhe estão mais próximos, quanto ao entrecho, ou cuidado com o verossímil leva a escrúpulos neo-realistas que se percebem também na reprodução coloquial de mistura com a literatura (BOSI, 1994, p. 393).

Essa característica não diminuiu a importância desse ficcionista brasileiro. Sendo de um realismo exibindo traços de idealidade, uma idealidade por vezes convertida ou revestida de utopia. Suas histórias compõem um vasto painel social, deixando correr à memora do narrador, recheada de anedotas e situações ouvidas ou presenciadas, à luz de uma poderosa imaginação, que às vezes poderia confundir com a matéria de observação. Esses aspectos levantados constituem características das obras de Jorge Amado na década de 30, também conhecido como romance regionalista, entre elas está *Capitães da Areia*.

Fala-se de um populismo literário mesmo quando esses romances têm uma conotação política porque o Estado Novo estava prestes a ser implantado (ABDALA JÚNIOR; CAMPEDELLI, 1986).

Jorge Amado, ficcionista popular, tem suas obras caracterizadas por uma adesão afetiva, aceitando sem profundidade crítica o universo psicológico de suas personagens, o líder Pedro Bala é bom e corajoso; João Grande é um negro bondoso e

forte; o Professor é “artista”; Pirulito um místico introvertido; Dora, jovem amante de Pedro Bala; Gato, elegante e conquistador; Sem Pernas é bom, porém, é revoltado por não ter um lar; Volta Seca é o afilhado de Lampião. São tipos caricaturais que procura ser fiel à realidade ao abordar o dia a dia destes jovens que tentam driblar o todo momento o seu trágico destino, diante de uma sociedade injusta que a todo momento persegue-os e quer matá-los.

O ficcionista social, portanto, será aquele capaz de representar nos seus tipos e heróis a perda de unidade do homem, fixar aquele ser a quem roubaram horizontes, mas que, entretanto, aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila. Ao desvendar mecanismos ocultos, a personagem criada pode tanto estar encontrando a gênese de sua mutilação e denunciá-la, quanto se agregando a todos em igual situação, a fim de superar o sistema que os coisifica e esmaga (LUCAS, 1997, p. 99).

Com isso a história passa a ser conduzida por destinos individuais de cada um dos partícipes. Por esse motivo Jorge Amado ilustra a marginalização definitiva de uns e a tomada de consciência dos que se dizem mais lúcidos. Com exceção de Gato que se torna completamente um bandido, Sem Pernas vive fugindo da polícia e Volta-Seca que alia-se a lampião, os demais personagens ganham consciência política e revolucionária.

Essa ficção de caráter de crianças abandonadas que se convertem em marginais e ladrões por não terem família nem carinho, seria de interesse como ponto de partida de uma ação que conduzisse os meninos de rua até uma atitude mais conseqüente em relação à sociedade por eles odiada. Porém, isso não acontece devido ao aspecto lírico que o narrador destina para o futuro dos personagens.

É sob uma perspectiva analítica que se passa a conhecer esta obra nordestina da década de 30 e o contexto em que foi escrito. Nas palavras de Oliveira (2002, p. 51):

Capitães da Areia é, sem dúvida um documento valioso para a compreensão de uma época, na Bahia. Sua elaboração resultou da vivência intensa do autor nas ruas, becos e ladeiras da cidade que ele conheceu, adolescente, acreditando, como Pedro Bala, ser capaz de mudar o mundo para torná-lo mais justo e beneficiar os mais pobres, condenando, em sua missão sinceramente assumida de escritor engajado, como foram, durante algum tempo, chamados os autores de livros como os seus, numa sociedade que se negava a reconhecer-se injusta, mantidas as estruturas que garantiam, somente aos ricos, os privilégios.

Nesse contexto urbano o autor aproveita para mostrar as brutais diferenças de

classe, a má distribuição de renda e os efeitos da marginalidade nas crianças e adolescentes discriminados por um sistema social perverso. São crianças que vivem num velho trapiche abandonado, como mostra a segunda parte da sua obra, onde vivem essas crianças lideradas por Pedro Bala, um menino corajoso e filho de um grevista morto que se entregam a pequenos furtos.

Todos reconheceram os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos Capitães de Areia, crianças abandonadas que viviam de furto. Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche (AMADO, 1996, p. 21).

Os capitães da areia, sem família de laços sanguíneos, sem nenhuma perspectiva de vida a não ser os furtos e as carreiras pelas estreitas ruas e ladeiras de Salvador, lutando pela sobrevivência, conversam numa linguagem adequada à delinqüência típica da classe subalterna e armam os seus atos ilícitos, forçados pelas condições de vida.

Esta é mais uma concepção “amadiana” de representação da realidade cultural brasileira, onde a imagem elaborada e propagada é o elemento cultural africano, enquanto fonte fundamenta da cultura, por extensão, fonte do humanismo brasileiro. Conforme o Ciclo de Palestras (1995, p. 51), “este elemento que, para Amado, representa o espaço cultural brasileiro, traduz, antes de mais nada, o espaço ideológico no qual ele se situa: o espaço baiano[...] É a importância da cultura negra na vida sociocultural baiana”.

Numa narrativa realista, Jorge Amado descreve o cotidiano desses grupos para arranjar comida e dinheiro, supervalorizando a humanidade das crianças e ironizando o egoísmo das classes dominantes. “Nas crianças abandonas teríamos os ‘novos’ valores da solidariedade social; os ‘velhos’ valores (opostos à solidariedade) seriam os das classes dominantes” (ABDALA JÚNIOR; CAMPEDELLI, 1986).

Para Lucas (1997), o bom entendimento da ficção social não se contenta com a

simples expressão de grupos ou camadas sociais recolhida pela imaginação criadora por traduzir uma aglutinação de cunho temporário ou até permanente. Será melhor considerar a perspectiva social nas vezes em que os personagens ou um grupo de personagens tiver seu destino ligado a movimentos intrínsecos da sociedade.

Assim, o romance *Capitães da Areia* é um romance social, diferente do romance de costume uma vez que não se reduz a um relato parcial ou fragmentado da sociedade, mas procura reter os choques que as contradições oferecem em sua totalidade.

Em sua linguagem, há uma estreita relação da linguagem com a ideologia e a história de vida dos personagens. São histórias que foram apreendidas do povo, vividas no dia a dia e recriadas para serem devolvidas ao próprio povo.

Uma história escrita há mais de 50 anos, mas de inquestionável realidade uma vez que os menores abandonados continuam a fazer parte da história da Pátria, passando de dominados a excluídos e junto com eles seguem os índios, mendigos e homossexuais. Isso significa dizer que os meninos de rua são sujeitos de um processo histórico.

Com a Constituição de 1988 importantes conquistas foram garantidas para o público adolescente e infantil, mas essa conquista foi reafirmada como o Estatuto da Criança e do adolescente em julho de 1990, dispondo sobre a proteção integral e universal das crianças brasileiras. Mas por outro lado, esse foi o rompimento da situação irregular, implicando na construção de um novo paradigma e representação da infância e da adolescência. Comenta Oliveira (1989), que um componente novo na historicidade da infância: especificamente o menino de rua passar ser objeto de estudo da ciência como sujeitos que tiveram sua especificidade de criança grandemente negada.

Esse quadro dramático de meninos e meninas de rua representado no romance

de Jorge Amado não é somente uma característica do Brasil, mas dos países de Terceiro Mundo, principalmente América Latina. Desde então, a infância é suprimida e aqueles que poderiam lutar por uma nova sociedade acabam por derrotá-la.

São meninos e meninas, conforme relatado por Amado (1996) que aparecem em grandes escalas, numa insólita aparição de miséria. Fala-se de globalização, de democracia, de projetos neoliberais e a realidade retratada por Jorge Amado se não a mesma é mais ainda perversa.

Mediante as novas propostas de reorganização da sociedade, a escola que surge para equilibrar exclusão e discriminação, intensifica-a, uma vez que esses menores abandonados sequer chegam a frequentá-la.

Em *Capitães da Areia* Jorge Amado fecha o romance retratando o destino de cada um dos seus personagens “reais”, uns ainda acabam se envolvendo com a polícia, como se o autor quisesse acentuar na marginalização a possibilidade de extingui-la. Por outro lado retrata aqueles que positivamente tomam consciência da real situação do país e encaminham-se para uma luta política. Pedro Bala, com toda a sua crença na força do homem e seu poder de modificar o destino por meio da ação, da luta. Mas esta mesma sorte não chega para todos, como também acontece na vida real.

Nesse contexto, meninos e meninas abandonados ainda hoje procuram reelaborar a sua existência individual e coletiva, desenvolvendo uma luta diária pela sobrevivência num mundo de alternativas massificantes. Em Yazbek (1994, p. 122), “em teimosa persistência, constroem e organizam seu cotidiano e se inserem na vida social mais ampla, partilhando do processo urbano e participando de um contexto social unificado pela expansão capitalista”. São meninos e meninas de rua construtores da sua própria história, individual, mas de lutas e conquistas coletivas, por um lugar sob a lua, num velho trapiche abandonado.

III - CONCLUSÃO

Na realidade, alguns meninos de rua, conseguem criar um sentido de dignidade e beleza para si próprios, enquanto outros ainda estão a viver num velho trapiche abandonado. Essa questão abordada por Jorge Amado na década de 30 parece espelhar a realidade atual, onde essas crianças e adolescentes estão a adentrar um campo impessoal retratado nas páginas policiais.

Trazê-los para uma cena de discussão política enquanto seres humanos com seus direitos garantidos viraram um “diálogo de surdos”, formado e cristalizado porque a história social em nosso país, senão a mesma da década de 30, muito parecida. Os mudos, os bandidos, os deserdados, os meninos de rua, são cada vez mais sujeitos do processo histórico.

São meninos e meninas de rua, que ainda são considerados um mero objeto de estudo, que vivem nas ruas abandonados sem qualquer carinho e lhe faltando todas as palavras da alegria à liberdade.

Nesse contexto, a infância é suprimida em virtude de interesses e uma lógica política que mutila aqueles que um dia poderiam ser a esperança desse país. Nessa trajetória, cada década continua a formar o seu exército de excluídos.

São muitas as reflexões que essa categoria apresenta para os educadores, pesquisadores e engajados no intento de viabilizar propostas de intervenção social. Porém, através deste estudo, observou-se através da obra Capitães da Areia o olhar Social de Jorge Amado que parece estender-se até os dias de hoje.

Por outro lado, é importante considerar a importância dos movimentos sociais, que segundo Calado (1995), caminham sempre desafiados pela dialética da opressão-

libertação, pela necessidade irrenunciável de luta pela sobrevivência, pela libertação de toda situação socialmente marginalizadora, economicamente espoliadora, politicamente dominadora, culturalmente discriminadora, ideologicamente alienadora, diante da qual só atitude de firme e contínua resistência são capazes de restituir o sentido da vida.

Esta é uma luta que se inscreve num conjunto amplo de mudanças sociais que precisam ser fortalecidas porque a desumanização incute nessas crianças e adolescentes a perda da esperança.

Assim, este trabalho acaba por desencadear a sua proposta de analisar em Capitães da Areia a concretude temática que persiste até hoje, instigando aos profissionais pesquisadores e estudantes o aprofundamento de tantos outros objetos importantes na área social, que não carecem somente de um olhar social ou um simples comparativo entre o hoje e o ontem, mas de ações concretas que poderão começar pela mudança da mentalidade das pessoas que estão a excluir indistintamente por meio de um olhar anti-social aqueles que infelizmente não tiveram as mesmas oportunidades

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CAPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1986.

AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. (Org.). **De Palmares a Canudos: em busca de nossas raízes**. João Pessoa: Idéia, 1995.

CICLO DE PALESTRAS: A bahia de Jorge Amado. Salvador, 1995. (Coleção Casa da Palestra).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1989.

LUCAS, Fábio. A contribuição amadiana ao romance social brasileiro. In: Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, n 3, março de 1997.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **Os 65 anos de Capitães da areia**. Revista de Cultura da Bahia, Salvador: Conselho Estadual de Cultura, n. 20, p. 41-53, 2002.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 1994.